

ENTREVISTA POR BRUNO GARCIA
E CRISTIANE NASCIMENTO

Javier Fernández Sebastián

Trocando em miúdos

Javier Fernández Sebastián percebeu, na década de 1980, que era comum interpretar conceitos do século XIX usando ideias do presente. Foi o ponto de partida para mergulhar na história conceitual, método que aos poucos crescia nas universidades europeias à medida que os primeiros textos eram traduzidos para o espanhol.

Hoje, o professor da Universidade de Bilbao é referência internacional no tema e responsável pelo imenso projeto de história conceitual em todo o mundo ibero-americano. Sob a batuta de Javier, pesquisadores de universidades de Espanha, Portugal e de toda a América Latina estão produzindo um imenso dicionário sobre conceitos políticos fundamentais da experiência moderna desses países. Trata-se de mais de 100 pesquisadores de cerca de 30 universidades diferentes. Afinal, como defende o professor, “é importante que cada vez mais escrevamos em projetos globais, que aprendamos a trabalhar em equipe”.

Em visita ao Rio de Janeiro, Javier Fernández Sebastián conversou com a equipe da Revista de História, falou sobre as dificuldades em desenvolver um projeto tão grande e demonstrou como a história dos conceitos pode desfazer mitos e falsas impressões, como as que afirmam que as massas foram meros espectadores no século XIX. Para ele, um conceito se torna fundamental quando deixa de ser utilizado por apenas 500 indivíduos para ser importante para 500 mil, “quando se converte em um termo que engloba uma experiência histórica”.



Verbetes

Juan Francisco Fuentes
Professor de História Contemporânea na Universidad Complutense de Madrid, Espanha. Colaborou nos dicionários sobre política e sociedade espanhola dos séculos XIX e XX, e estuda os conceitos de guerra civil, nação e revolução no pensamento político moderno espanhol.

Quentin Skinner
Historiador inglês e professor na Universidade de Londres, um dos maiores expoentes da escola histórica do pensamento político de Cambridge. Autor do clássico *As fundações do pensamento político moderno* (1996). Sua teoria da interpretação enfatiza os chamados "atos linguísticos".

REVISTA DE HISTÓRIA Como surgiu o projeto de um dicionário de conceitos da Ibero-América?

JAVIER FERNÁNDEZ SEBASTIÁN Bom, primeiro, eu e o Juan Francisco Fuentes dirigimos, nos anos 90, um projeto que deu origem a um dicionário de dois volumes sobre a história conceitual da Espanha no século XIX e no século XX. Fizemos uma seleção de cerca de 150 conceitos básicos trabalhados por uns 50 historiadores de várias universidades. A proposta era combater anacronismos. Muitos autores, por exemplo, falavam de democracia no século XVIII, como se este termo tivesse então o significado que teria mais tarde no século XX. Há um tempo, o termo democracia po-

RH Depois o projeto se estendeu a todo o mundo ibero-americano?

JFS Em 2004, no Rio de Janeiro, João Feres Júnior organizou com Marcelo Jasmim um congresso de história conceitual com professores do mundo todo. No final, tivemos a ideia de tentar fazer algo extensivo ao mundo ibero-americano, partindo do princípio de que há uma civilização, digamos, uma cultura política em parte compartilhada. É claro que cada país tem uma experiência particular, mas o conjunto de países do mundo ibero-americano, quer dizer, América Latina, Espanha e Portugal, tem algumas características em comum, de maneira que podemos entender essas sociedades em termos históricos. É razoável pensar que existem similaridades e sobretudo diferenças interessantes para estudar.

RH E as duas línguas diferentes não são um problema?

JFS O português e o espanhol são línguas muito próximas. Eu comentei isto com o Koselleck, quando estávamos gestando o projeto e ele foi à Espanha. Ele me disse que era muito interessante, porque a proximidade entre as línguas fazia o projeto mais possível do que o europeu, que se faz apenas em inglês. Não há uma língua comum na Europa, o que torna a organização muito mais difícil. Por outro lado, nós não temos uma língua, mas duas relativamente transparentes uma em relação à outra. Isto nos permite comparar muito bem similaridades e diferenças no espaço. Mas também há diferenças marcantes, não apenas no mundo luso-brasileiro e no hispano-americano, mas em cada país.

RH Qual a importância desse trabalho em rede e qual é seu limite?

JFS Estamos em um momento em que a história tem que ser cada vez mais transnacional. Não que a história nacional tenha terminado, ela tem seu papel, vai continuar existindo. Mas há, cada vez mais, histórias transnacionais, sobre áreas do mundo, como história atlântica ou do Extremo Oriente. Porque as nações tiveram um período histórico de vigência, mas não são entidades a-históricas, elas têm alguns séculos de existência. Durante a maior parte da história da humanidade, o que existiu foram diferentes tipos de ocupação – impérios, cidades – e sempre houve conexões através do comércio, da guerra. Há uma história global para contar, e especificamente uma história das transferências conceituais entre países, línguas e civilizações. Há uma consciência de que o mundo ficou pequeno demais depois dos anos 90, quando o conceito de globalização se expandiu.

RH É importante o historiador se globalizar?

JFS Sem dúvida. A rede de *Iberconceitos* vincula mais de 100 investigadores de 30 e tantas universidades de muitos países diferentes. À margem do tema que estamos estudando, o mero fato de que estamos em contato de uma forma mais ou menos permanente gera uma espécie de sinergia. De maneira que um se alimenta do outro, dos problemas de um e de outro. Eu estou convencido de que, no futuro, somente este tipo de história global ou cruzada, como queira chamar,

É um erro absoluto pensar a história intelectual e a história política dos países em termos de centro e periferia



deria significar algo negativo. De fato, durante as primeiras décadas do século XIX chamar alguém de democrata era geralmente considerado um insulto. Democracia era um sistema de governo que poucos desejavam, consideravam perigoso, achavam que terminaria em uma guerra civil. Então, há uma mudança. Quase todos os conceitos sofreram grandes mudanças. Era muito importante compor um projeto para delimitar a gama dos significados que em determinado período histórico os agentes usavam, que os historiadores ou as pessoas comuns pudessem conhecer qual era a forma de entender tais conceitos através dos séculos.

poderá ser feita com grandes equipes. O historiador que faz seu trabalho individualmente é importante, mas também é importante que cada vez mais escrevamos em projetos globais, que aprendamos a trabalhar em equipe. Eu acho que essas redes oferecem uma plataforma para os encontros, para que haja gente como cientistas políticos, sociólogos e não só os historiadores, porque também é muito benéfico esse intercâmbio entre disciplinas.

RH Como o senhor chegou à história dos conceitos?

JFS Nos anos 80 eu estava estudando uma ideologia dos Países Bascos no século XIX (o *fuerrismo*), associada muitas vezes ao nacionalismo. Percebi que as interpretações dominantes atribuíam significados claramente presentistas a muitos conceitos da época. Fui me dando conta de que a maior parte dos historiadores cometia sistematicamente anacronismos como este, quer dizer, atribuíam às pessoas que viviam no século XIX pensamentos do século XX. Os que viam os *fuerristas* como precursores do nacionalismo se enganaram. Eles não eram defensores de nenhum tipo de independência. Eram homens que amavam muito o País Basco, mas se consideravam espanhóis. Eu descobri, ao fazer isso, que havia uma enorme confusão conceitual, porque os conceitos que os atores históricos usavam não eram realmente os do século XX. A partir disso, me interessei muito pela obra de [Quentin] Skinner, de [Reinhart] Koselleck. A historiografia necessita, realmente, pensar os conceitos históricos, a linguagem política, em

contextos que são diferentes dos nossos.

RH E, naquele momento, como era a situação da história conceitual na Espanha?

JFS Sabia-se um pouco sobre o trabalho de Skinner. Seu livro, *As fundações do pensamento político moderno* (Companhia das Letras, 1999), tinha sido publicado pelo Fundo de Cultura Econômica do México, mas não era muito conhecido. A história conceitual começou a ser conhecida, principalmente na Espanha, pelo meu trabalho e o de um colega em Madri, Juan Francisco Fuentes, além de alguns filósofos, como José Luis Villacañas e Faustino Oncina (naquele momento o único livro traduzido era *Crítica e crise*, publicado em espanhol em 1964). Em inglês e francês só seria traduzido nos anos 80.

RH Existe alguma razão para a Espanha ter tido esse interesse anterior à história conceitual alemã?

JFS Existe uma tradição de história conceitual bastante forte, mas não era chamada assim. Por exemplo, o filósofo Ortega y Gasset havia feito alguma reflexão sobre a história do pensamento político, ainda que não plenamente de forma histórico-conceitual. Ele dizia que era necessário entender o contexto intelectual de forma muito parecida com o que Skinner defende no famoso artigo "Meaning and understanding" (1969). Mas Ortega y Gasset disse isso nos anos 40, ou seja, havia uma tradição. Muitos discípulos seus, por exemplo, José Antonio Maravall, dedicaram vários artigos, nos anos 70, a analisar certos conceitos da

Ilustração. Há outra corrente de gente que havia trabalhado em lexicografia, como Pedro Alvarez de Miranda, que é um grande historiador da linguagem. Em *Ideias e palavras*, que é uma análise da primeira linguagem da Ilustração, do significado de seus conceitos, ele não utiliza a metodologia da história conceitual, chamando de história da língua. Mas confluem aí, digamos, correntes um pouco filosóficas com correntes filológicas, de tal maneira que, no caso da Espanha, não é apenas resultado da influência de Koselleck ou Skinner, mas já de uma base autóctone.

Não devemos pensar somente que textos canônicos são produzidos em um lugar e são importados para outro como se esse fosse um processo de recepção passiva

RH Qual historiador foi mais influente nesse momento?

JFS Skinner era mais conhecido do que Koselleck, que não havia sido muito traduzido. Mas eu observei que nos anos 50, 60, em uma época bastante remota, quando Koselleck começa a escrever, há alguns autores espanhóis que já conheciam sua obra e que o citavam. Em parte porque Carl Schmitt tinha uma relação próxima com a Espanha. Uma filha sua casou-se com um professor da Universidade de Santiago de Compostela, então, ele vinha muito à Espanha. Como se sabe, Schmitt orientou a tese de Koselleck.

RH A história conceitual, como método, está em crescimento?

JFS Acho que sim. Há muitas

Verbetes

Reinhart Koselleck (1923-2006)
Historiador alemão, referência imprescindível da teoria da história no século XX em razão de sua *História dos Conceitos*, na qual demonstra a importância da historicidade dos termos e, logo, da linguagem para os estudos históricos.



José Ortega y Gasset (1883-1955)
Filósofo espanhol que ganhou destaque internacional após a publicação, em 1930, de *A rebelião das massas*. O livro questiona o que o autor apresenta como problemas de época: a "vulgarização" do homem, a "hiperdemocracia das massas" e o afastamento entre passado e presente.

Carl Schmitt (1888-1985)
Jurista e filósofo político alemão, foi crítico veemente do sistema democrático parlamentar alemão, e fez parte do Partido Nacional Socialista (o partido nazista). Sua reflexão sobre o poder, a ordem e o estado de exceção é referência importante para o pensamento político contemporâneo.

Verbetes

Michael Freeden

Professor e diretor do Centro de Ideologias Políticas da Universidade de Oxford, Inglaterra. Destaca-se pela dura crítica ao pensamento político liberal no mundo anglo-americano, e pelo profundo conhecimento histórico das variações da tradição liberal no século XX.



É um pouco irritante perceber que o liberalismo tenha sido retratado sistematicamente como uma criação quase exclusivamente inglesa, francesa, um pouco alemã e um pouco italiana

Ram Mohan Roy
(1772-1833)

Considerado o primeiro reformador social da Índia Moderna, Roy fundou o Brahma Samaj em 1825. A organização pregava a adoração universal a um deus único, ao mesmo tempo em que se posicionava contra o sistema de castas e o casamento infantil e em favor dos direitos femininos.

teses em andamento e é um setor bastante dinâmico na historiografia. Recentemente se integrou ao nosso grupo de Bilbao um pesquisador russo de primeiro nível, Kirill Postoutenko, que levanta uma nova história crítica dos conceitos que vai além dos levantamentos de Koselleck. Há pouco estive em Oxford com Michael Freeden, que propõe uma metodologia alternativa, muito original e interessante em história conceitual (acabamos de publicar uma versão espanhola de um de seus livros, intitulado *Ideologia*). Acho que podemos utilizar essas aproximações de forma eclética sem termos que seguir uma escola 100%, em cada detalhe.

RH Apesar da matriz inglesa ou alemã, ela tem se difundido na historiografia ibero-americana?

JFS Com certeza. É um erro absoluto pensar a história intelectual e a história política dos países em termos de centro e periferia. Porque os centros e as periferias mudam constantemente. Não devemos pensar somente que textos canônicos são produzidos em um lugar e são importados para outro como se esse fosse um processo de recepção passiva. Pelo contrário, essa importação é feita de maneira adaptativa e criativa. Quando realmente as coisas acontecem, as pessoas

tiram de outros lugares o que precisam para tentar compor suas instituições. Mas é muito mais interessante focar no consumidor das melhores ideias, não no produtor. Quer dizer, não pensar qual a influência de Montesquieu ou Rousseau na América Latina, mas nos autores que os usavam, com que propósitos e em que realidade o faziam.

RH Por outro lado, o senhor tem insistido no liberalismo como uma ideia gestada no mundo ibero-americano.

JFS É um pouco irritante perceber que o liberalismo tenha sido retratado sistematicamente como uma criação quase exclusivamente inglesa, francesa, um pouco alemã e um pouco italiana. O liberalismo começa a ser falado precisamente na época das revoluções do mundo ibero-americano, quando ainda não se sabia muito bem o que liberalismo queria dizer, porque estavam sendo inventados esse conceito e essa ideologia que se cristalizariam melhor na metade do século XIX, relacionados ao individualismo, ao constitucionalismo. No momento em que está se desenvolvendo, toda aquela gente fala de liberalismo sem ainda ter muito claro do que estão falando. Falam da origem do liberalismo europeu, inventam a história do liberalismo, selecionam alguns autores canônicos. Eles, os próprios agentes históricos desse momento, estão criando o que chamaremos depois, nos livros de história de matéria política, de liberalismo. Eles estão discutindo se é Locke, se é Montesquieu, se é Madison, quais são os autores que vêm se adotar. Mas a palavra

surgiu em castelhano antes do que em inglês ou em francês. Eu acho que não é simplesmente uma casualidade, acontece em Cádiz um pouco antes de 1812, estende-se a outros países da América hispânica e depois para Portugal, a Revolução do Porto etc.

RH Essas revoluções foram subestimadas?

JFS As revoluções de 1820 foram, sem dúvida, subvalorizadas. Na Europa se estudam o levante de 1830, o de 1848... As revoluções de 1820, ao sul da Europa, são enormemente importantes. Não só na Espanha, mas também em Portugal e depois, obviamente, no que se chamaria América Latina. Há uma série de revoluções. Houve os dezembristas russos, em 1825, em São Petersburgo. Ou seja, há uma onda muito importante, que chegou à Índia, onde Ram Mohan Roy organizou, na cidade de Calcutá, uma homenagem à Constituição espanhola de 1812. São coisas que ninguém sabe. E ele é o fundador do liberalismo indiano, o criador do partido liberal na Índia. Há também conexões inesperadas com as Filipinas. Tudo isso não foi ainda bem estudado.

RH A Constituição de Cádiz foi especialmente importante para a América Latina?

JFS Sem dúvida, porque esteve mais em vigor em certas partes da América do que na Espanha. É curioso ver que algumas Constituições anteriores se parecem bastante com ela. As Constituições, os textos políticos nascem de algumas culturas políticas. Além disso, era muito comum que uma

Constituição retirasse algum artigo ou ideia de outras. O nacionalismo ainda não era uma ideologia importante. E pensavam que uma Constituição que era boa para um país podia ser perfeitamente boa para outro. Podiam tomar emprestadas muitas coisas. Tinham uma visão muito universalista, um pouco como a Ilustração. De certa maneira, já se disse que a Constituição de 1812 é a última do século XVIII, porque continua um pouco essa tradição, é como uma dobradiça entre o XVIII e o XIX.

RH A que se deve o crescimento de importância das Constituições?

JFS Constituição é uma palavra que não tinha um grande significado político antes dos séculos XVIII, XIX. Nessa época, começa a ser utilizado o conceito associado às revoluções, como a Constituição da Filadélfia, norte-americana, que foi uma revolução constitucional. Então, o conceito mudou de significado, associado à mudança do termo revolução, que deixou de significar reiterar, ou a volta de algo, e passou a significar o radicalmente novo. A este novo conceito de “constituição” se aplica a metáfora de contrato social. É a ideia de que uma sociedade pode ser criada através de um texto, ou seja, que se pode gerar uma ordem política do nada. Vemos que não é totalmente assim, porque, quando dizemos que a própria Constituição de Cádiz é fundamental, queremos dizer que, embora se esteja escrevendo algo aparentemente do zero, não é de fato uma tábula rasa, ela nasce em uma sociedade determinada, portanto,

obviamente, é uma fantasia do revolucionário o ato de criar uma ordem a partir do nada. Mas a sua vontade era a criação de uma Constituição escrita como uma carta fundamental, na qual se usa uma tábula de direitos e de funcionamento das instituições.

RH As massas estavam totalmente afastadas desse processo?

JFS Houve uma grande politização de setores amplos da população. Eu conheço bastante bem as fontes dessa época, em particular dos anos 20, e havia panfletos, ou periódicos pequenos, com a história de muitíssimos personagens populares nos quais se vê que o consumo dessas ideias políticas se fazia tanto a partir de fontes escritas como orais. Eu conheço, por exemplo, vários textos que dizem: “Fui a Vitória, fui a Bilbao e comprei *el papel que habla* (se chama assim o periódico) e então fui ao povoado, e eu o li”, e havia leitura coletiva. Havia alguém que lia, sendo assim, chegava a muitíssimos analfabetos. Eu achei muitos textos que falam desse processo, como nos cafés, em que alguém subia em uma mesa e começava a falar. Havia uma politização muito importante em setores populares. Não me resta dúvida. Sempre falamos da sociedade de massas do final do século XIX, mas eu acho que houve uma primeira e forte politização já no princípio do século XIX. Os termos que antes só existiam nos livros agora passaram a ser usados no cotidiano. E há muitos textos, a partir da época da Revolução Francesa, antes de 1808, na Puerta del Sol em Madri, por

exemplo, em que dizem: “todo mundo, até os moços da esquina”, que são pessoas simples, “falam da convenção francesa e da representação da opinião...”. Ou seja, em Madri, de repente, todos se converteram em políticos, gente que não sabia nada até então fala do que está acontecendo na França, fala sobre a ideia de república.

RH A história conceitual pode ajudar a dar voz às massas?

JFS Sim. Um conceito se torna fundamental quando se conver-

Há uma história global para contar. Há uma consciência de que o mundo ficou pequeno demais depois dos anos 90

te em um termo que engloba uma experiência histórica coletiva, quando se torna inevitável. Quando se fala de liberdade, de igualdade, nesse período, é porque esses conceitos são utilizados por muitas pessoas de muitas maneiras diferentes. Eles se tornam mais do que polissêmicos porque, além de tudo, em lugar de esses termos serem utilizados por 500 pessoas, eles passam a ser utilizados por 500 mil pessoas. A multiplicação dos usos produz uma enorme diversidade e, como disse Wittgenstein, “não pergunte pelo significado, pergunte pelo uso”. Ou seja, o significado das palavras são os usos, como as usamos na cotidianidade. Então, os que se usam massivamente são aqueles cujos significados se expandem. Eles se fazem mais diversos, mais complexos, mais competitivos entre si, convertendo-se em conceitos contestados, isto é, debatidos, disputados, refutados uns pelos outros.

Verbetes

Ludwig Wittgenstein (1889-1951)
Filósofo judeu austríaco, tomou-se cidadão britânico em 1939, ocupando uma cátedra em Cambridge. Autor do *Tratado Lógico-Filosófico* (1921), preocupou-se com a relação ontológica entre o mundo e o pensamento através da linguagem, elemento que chegaria mais perto da realidade.



Principais obras do autor

La Aurora de la Libertad. Los primeros liberalismos en el mundo iberoamericano (ed.). Madrid: Marcial Pons, 2012.

Political Concepts and Time. New Approaches to Conceptual History (ed.). Santander: Cantabria University Press/ McGraw Hill, Santander, 2011.

Diccionario político y social del siglo XX español (dir.). Madrid: Alianza Editorial, 2008.

Diccionario político y social del siglo XIX español (dir.). Madrid: Alianza Editorial, 2002.